

Título: “Só Deus, minha filha, só Deus...’: Conseqüências sociais do acidente fatal de trabalho no setor de rochas ornamentais”

Autora: Profa. Dra. Maria das Graças Barbosa Moulin

Instituição: Departamento de Psicologia Social e do Desenvolvimento/UFES

E-mail – mgbmoulin@gmail.com

Resumo:

Introdução: Início este resumo citando Ramazzini, médico famoso, que em 1700, publica o primeiro tratado sobre “As Doenças dos Trabalhadores”. Diz o autor sobre as categorias dos mineiros: *“Aqueles que desentranham minerais são vítimas, pois, de grandes riscos; as mulheres que com eles se casam estão sujeitas a novas núpcias, porque ficam logo viúvas, como aconteceu nas Minas de Montes Carpatos que, segundo refere Agrícola, houve mulheres que chegaram a ter sete esposos.”* (p. 20)

Eis que, passados três séculos após a constatação de Ramazzini sobre mineiros mortos no mundo do trabalho, encontramos no sul do Estado do Espírito Santo um lugarejo, Itaoca, também conhecido pela imprensa como “Vila das Viúvas”, tamanha a quantidade de trabalhadores mortos vítimas de acidentes fatais nas pedreiras, nas serrarias, nas caçambas de caminhão, soterrados por pedras, blocos ou chapas. O Sindicato dos Trabalhadores contabiliza cerca de dez acidentes fatais por ano (os conhecidos e registrados).

A localidade de Itaoca, distrito da cidade de Cachoeiro do Itapemirim, rico em mármore e granito, vive da extração, beneficiamento, transporte das rochas, e está incluída no comércio global pela exportação de suas pedras. Trata-se de uma comunidade ordenada socialmente pela inserção dos homens neste tipo de atividade, o que possibilita prover a família, deixando às mulheres, esposas e mães, o encargo de cuidar da casa. A identidade dos trabalhadores se alicerça a partir da inserção num tipo de trabalho que dá mostras de saúde e virilidade, de não ter medo dos perigos, de não ser “mole”. Além disso, ser trabalhador possibilita também ser um provedor, bom marido e pai de família: são atributos que juntos fornecem a significação de um “homem honrado”, respeitado pela comunidade onde vive.

A atividade é perigosa e penosa, com postos de trabalho de grande altura, com a utilização de explosivos, manobra e transporte de blocos e chapas, além de outros fatores que intensificam os riscos, como a utilização de guinchos sem freios, cabos de aço desgastados, “gambiarras” de todo tipo. Ainda assim os trabalhadores minimizam os riscos e retornam cotidianamente ao trabalho. Compreende-se que, valorados pelo trabalho que exercem, que possibilita a sobrevivência material e simbólica sua e de suas famílias os trabalhadores calculam os riscos: perder o emprego seria a morte em vida. Perder a vida? Mas como ressalta uma viúva entrevistada: “ninguém tem esperanças de morrer, todo mundo tem esperanças é de viver.” Então, retorna-se ao trabalho perigoso e um dia o pior acontece: a chamada “Morte Anunciada”, que é como os sindicalistas chamam os acidentes de trabalho na região.

Metodologia: O presente estudo faz parte do banco de dados de minha tese de doutorado, que teve por metodologia entrevistas semi estruturadas com vários atores sociais (sindicalistas, trabalhadores acidentados e suas esposas, padre, pastor evangélico, freira e mais especificamente aqui, as viúvas) para compreender a produção social do acidente, a tolerância de toda uma comunidade e as conseqüências sociais do acidente. No contato com as mulheres e suas famílias, interessou-nos saber como reagiram ao acidente fatal, que atitudes tomaram, que atitudes deixaram de tomar, com que recursos materiais, simbólicos e afetivos enfrentaram a nova situação social causada pelo acidente. As entrevistas partiam destas temáticas, mas estavam abertas a outras que pudessem emergir. A partir deste eixo elencamos algumas categorias de análise: a) a reação ao acidente, b) os apoios recebidos c) a reação do padrão e a resignação enquanto um meio de tocar a vida para frente.

Discussão: A notícia de um acidente corre rápida em Itaoca: todo mundo sabe que *“Acidente em pedreira, não tem voz ativa, não. Pode estar bom, pode estar ruim, o cara cai mesmo. O que tem ali é feio”*.(acidentado), espera-se em geral corpos esmagados sob pedras, desfigurados, *“feito uma folha de papel”*.

As mulheres, em geral, não conseguem explicar direito o que aconteceu, como foi o acidente: *“Eu não sei explicar, eu só sei que ele morreu na pedreira. Ninguém explica nada direito. Um fala uma coisa, outro fala outra coisa, não tem uma versão certa do que aconteceu. Não tenho”*. (VIÚVA).

“Ele caiu da pedreira, só que como eu não sei” (VIÚVA).

As versões são contraditórias e permanecem como tais: *“Dali ninguém viu nada, porque eu não apurei isso, né? Da prancha caiu e depois disseram que socorreram ele. Mas, uns fala que ele saiu vivo, outros fala que ele morreu na hora. Agora a gente não sabe nem em que acreditar”* (VIÚVA). A violência do acidente que transfigura o corpo da vítima é difícil de descrever, ou é descrito com todo o impacto subjetivo que causa na comunidade. Restam os fragmentos de discursos ouvidos de colegas de trabalho e de sindicalistas, de relatos noticiados pela mídia ou comunicados pela empresa.

Nas entrevistas colhidas percebemos que havia uma ciranda: na *“Quadrilha”* do poeta Carlos Drummond de Andrade *“João amava Teresa que amava Raimundo que amava Maria que amava Joaquim que amava Lili que não amava ninguém”*, cedo descobrimos que, em Itaoca, teríamos uma *“Quadrilha”* às avessas, não se tratando de amor, mas de morte: Teresa perdeu o marido e também o genro que era irmão gêmeo de Lili, que também perdeu o marido. Maria era casada com Raimundo, que perdeu um irmão no trabalho e dezoito dias depois também Raimundo se foi. Joaquim ficou muito machucado; já seu irmão, dois meses antes, falecera. Da mesma forma disse a dona da pedreira em que José ficou paraplégico: *“[...] até acho bom o seu estado – pior foi meu irmão que morreu na pedreira”*. Uma ciranda de mutilações, perdas e mortes, e ainda desprovida do talento do poeta maior. Num universo relativamente pequeno de entrevistados, os acidentes relatados vieram acompanhados de outros tantos, na própria família, vizinho ou colega de trabalho.

Os apoios recebidos estão circunscritos a três tipos: em primeiro lugar *“Deus , acima de todas as coisas”*, a religião, como afirma Geertz (1978) tornando o sofrimento passível de ser sofrido. É da religião que as mulheres retiram a força necessária para reagir: para não se desesperarem, para consolarem os filhos, para *“correr atrás dos direitos”*. Em segundo lugar o apoio da comunidade e da família, fundamental num lugarejo onde há ausência total do Poder Público. Em terceiro lugar, o Sindicato dos Trabalhadores, que as ajudam em toda sorte de necessidades, cestas básicas, lanches e passagens para ir à Cachoeiro resolver as coisas e finalmente com assistência jurídica e até afetiva (costumam visitar os parentes das vítimas)

A reação do empresário foi unanimemente apontada como fonte de sofrimento e ilegitimidade pelas viúvas. Imaginando que seus maridos pertenciam a uma empresa tida como uma *“família”*, as mulheres se chocam por terem sido desconsideradas e até humilhadas pelos patrões. Em dois casos, houve atitudes criminosas, tais como esconder a pedra que provocou o acidente e em outro jogar equipamentos de segurança junto ao trabalhador ferido para ser filmado pela televisão local.

A maioria entende que não há lugar para revoltas, vinganças *“... se você ficar assim agitado, sempre ficar lembrando daquilo, e querer se vingar, ficar uma pessoa violenta, não vale a pena”*. Outras até ficam revoltadas, mas procuram não comentar: *“Eu penso assim, só fico triste, fico com muita pena, às vezes dá saudade... Mas eu vou, aí também eu não comento nada, sem comentários assim, né?”* *“A gente não comenta pra não aumentar o assunto”*. Eu pergunto a um acidentado grave, cujo acidente poderia ter sido evitado: *Não dá raiva?* E este me responde, *não, porque não volta mais, isso depois do acidente não vai voltar, não tem jeito mais do que estava bom ser igual era. Então não adianta ficar com raiva da pessoa”* ...

“sei lá eu sou uma pessoa muito calma. Às vezes, quando bate um vazão na pessoa, revolta, né.”.

Conclusão: Há no discurso das mulheres e de outros entrevistados uma posição resignada e fatalista face ao acidente, que sequer conseguem contar em detalhes – o detalhe não importa, ou é tudo rápido demais pra se contar. O fato é que o acidente parece fazer parte do trabalho, naturalizado pelo discurso de toda uma comunidade, reforçado pela cultura de trabalho onde a virilidade é constantemente requerida, onde não há lugar para o temor, que além de ameaçar a virilidade traria desconfianças quanto “a vontade de trabalhar” do sujeito. Então minimiza-se os riscos, entrega tudo pra Deus, “manda orar a pedreira”, enfim, transita-se de um mundo ao outro na esperança de viver. Sim, morre-se nas pedreiras, mas é por esperança de vida! Sustentando e alimentando tudo isso, o medo do desemprego e da miséria.

Eixo: Trabalho

Introdução:

Iniciamos o segundo semestre do ano de 2007 e, contabilizamos até agora, sete trabalhadores mortos em acidentes de trabalho no setor de rochas ornamentais no Estado do Espírito Santo. O último deles, ocorrido no final do mês de julho, foi conforme sindicalistas denunciam, uma “morte anunciada”. Segundo relato de sindicalista: *“desta vez o acidente foi por falta de manutenção, o suporte da roldana onde passa o cabo de aço, que segura todo o peso das chapas se rompeu. A roldana gastou a bucha e encostou no suporte que a segurava e foi gastando até se romper, provocando a queda das chapas e morte do trabalhador”.*

Os acidentes se repetem tragicamente; as chamadas “gambiarras”, a falta de manutenção das máquinas, trabalhadores desviados de sua função de origem, jornadas extensas e intensas, a pressa em colocar um bloco para serrar ou a pressa para embarcar um bloco, o chamamento à virilidade são algumas das causas dos acidentes que encontramos no setor. (Moulin, 2006).

As mulheres perdem o marido, o pai, algumas vezes um irmão, outras um filho e seus lamentos, suas dores e suas lutas são em geral ouvidas nas igrejas de diversas denominações dos pequenos distritos de Cachoeiro do Itapemirim (ES).

Neste artigo enfocaremos uma face do acidente fatal desconhecida socialmente: as conseqüências para a família. Como as famílias reagem ao acidente? Como se reconstruem sem o provedor? De que recursos materiais, afetivos e simbólicos se utilizam para reconstituírem a delicada trama familiar?

O presente estudo faz parte do banco de dados de minha tese de doutorado, que teve por metodologia entrevistas semi estruturadas com vários atores sociais para compreender a produção social e as conseqüências sociais do acidente.

Como pano de fundo das temáticas ora abordadas é importante ressaltar a importância

do trabalho para os homens, para as famílias e para toda a comunidade: ser trabalhador é ser ao mesmo tempo um provedor, bom pai de família – um homem honrado. Desta forma compreende-se a submissão aos riscos de morrer no trabalho – teme-se ainda mais ficar sem trabalho, o que poderia significar a morte em vida.

Do conjunto das entrevistas e mais particularmente das mulheres viúvas e dos acidentados, vamos abordar aqui os seguintes tópicos: a reação ao acidente; os apoios com que as famílias contaram e a reação dos empresários ao acidente.

As famílias:

As famílias entrevistadas eram mais extensas do que as nucleares do tipo pai/mãe e filho – tinham em geral três ou quatro filhos e até mais. Constatamos também o aspecto da trigeracionalidade: avós, adultos e crianças convivem muitas vezes num mesmo espaço – ou em duas casinhas num mesmo terreno.

A presença do pai-provedor (antes do acidente fatal) possibilitava à mãe dedicar-se aos trabalhos domésticos e à criação e educação dos filhos. A provisão material da casa é vivida naturalmente como obrigação masculina – o pai-provedor proporcionar que a mulher/mãe “não necessite sair pra trabalhar”. A posição feminina, em oposição e complementaridade à posição masculina, é vivenciada como natural pelos atores envolvidos.

Em estudo sobre a construção da masculinidade, realizado na localidade de Pardais, Portugal, que vive, assim como Itaoca, da extração do mármore, Almeida (1995, p. 223) assinala, em relação à posição da mulher no contexto da família, que

[...] o casamento constitui a forma de adquirir o estatuto completo de Pessoa. Dada a divisão existente entre o mundo público como masculino e o doméstico como feminino, o casamento significa para a mulher a possibilidade de gerir uma casa. Isto significa não só o espaço físico, mas também o sustento da casa garantido idealmente pelo marido, e os filhos

Ainda segundo Almeida (1995, p. 229) “[...] o parentesco joga um papel central na definição das identidades feminina e masculina, sendo os sexos representados como estando numa relação de complementaridade, dependência mútua e igualdade ideal”.

Em Itaoca, como em Pardais, o paradigma do sucesso familiar seria o homem trabalhador, empregado em atividades que contemplem e demonstrem virilidade, destemor e saúde, provedor da família, possibilitando o posto de “do lar” à esposa/mãe (ALMEIDA, 1995; DUARTE, 1986; HOGGART, 1973).

Se na ocorrência do acidente o trabalhador tem carteira de trabalho devidamente assinada, a família recebe a pensão, talvez seguros ou indenizações, dependendo de cada caso. E os papéis familiares voltam ao que eram antes, ou seja, a mulher/mãe volta a assumir o comando da casa e seus afazeres, nenhuma das que entrevistamos construiu ou imaginou projetos extra família.

1.O Acidente de Trabalho

A notícia de um acidente mobiliza toda a localidade: rapidamente os boatos se espalham e todos temem pela vítima e pelos aspectos dramáticos que acompanham tais acidentes.

A primeira questão colocada nas entrevistas– *como foi o acidente?* E curiosamente a resposta quase unânime: *“Não sei!”* *“Só sei que...”* *“Falaram que...”* Depois começam o relato a partir de fragmentos entreouvados aqui e ali com colegas de trabalho, imprensa, sindicato, para formar a última versão, sendo difícil dar um relato “correto” do acidente, já que as versões oficiais incluem mudanças no cenário do acidente e versões freqüentes que atribuem descuido ao trabalhador morto. Em nenhuma entrevista falou-se em investigação do acidente, é um fato que as famílias desconhecem.

O medo das mulheres de um acidente no trabalho faz com que muitas vezes elas imaginem que *“Deus já tinha me avisado”*. Ao chegar a notícia, a maior parte delas relatou que já sabiam!

O que é morrer num acidente de trabalho? Pode ser como diz uma entrevistada, *“Meu marido morreu como um herói, porque ele morreu trabalhando, trazendo o pão de cada dia”*, ou seja, vemos aqui a valoração máxima da categoria trabalho: morrer em acidente de trabalho é morrer como um herói. Ou, como disse outra mulher: *“se fosse um bicho que tivesse morrido era a mesma coisa”*, sendo que a pedreira *“é como um açougue; um açougue humano”*. O acidente aqui subtrai todo o senso de dignidade e de humanidade.

Em geral, segundo os relatos, acidente na pedreira *“esmaga o sujeito”*, como se refere uma viúva a seu marido morto: *“Meu marido ficou em pedaços. Tanto que a gente não pôde nem colocar roupa nele. Ele foi sepultado enrolado num lençol”* *É horrível* (VIÚVA).

Ouvir tais relatos leva imediatamente a uma questão: como suportam tanto sofrimento? As respostas apontaram para os apoios social e espiritual.

2.1 “Só Deus!”

Todas as entrevistadas mencionaram a religiosidade e a fé como um suporte simbólico para agüentar a notícia do acidente e suas conseqüências. É a primeira lembrança quando se referem às forças de que necessitaram para superar o acidente: “*Primeiro Deus, que é a força maior, vem de Deus [...]*”. Quase todas as frases das mulheres foram entremeadas com as expressões “*se Deus quiser*”, “*Graças a Deus*”, “*esperando no Senhor*”, “*a justiça de Deus*” e outras tantas variantes.

Antes mesmo da ocorrência do acidente, para lidar com o enfrentamento cotidiano dos riscos percebidos no processo de trabalho, as mulheres se agarravam à fé. Muitas delas pediam a Deus que tomasse conta dos maridos no trabalho. Uma delas pensou até em “[...] *pedir um pra ir lá orar aquela pedreira.*”

Quando recebem a notícia: “*Deus já falou comigo no meu ouvido que eu ia ficar viúva,(...) eu tô preparada*’. *E Deus me preparou mesmo!*”.

Após o acidente, as dificuldades que as mulheres encontravam no cotidiano entregavam para Deus – “*coloco Deus para tomar conta*”; “*espero com paciência no Senhor*” e pedem que “*Deus tome providência*”.

A religiosidade tem papel importante quando de um acontecimento trágico: reinstala a ordem devida à necessidade de restaurar *os modos de andar a vida*. Torna o risco de vida cotidiano e/ou o acidente fatal “*um evento sofrível, passível de ser suportado*” (GEERTZ, 1989). Não elimina o sofrimento, torna-o possível de ser vivido.

2.2 Família, amigos e vizinhos: a comunidade

Além de Deus, a rede de familiares, amigos e vizinhos foram fonte de ajudas materiais, espirituais e afetivas para suportar e para enfrentar as conseqüências do acidente. Um parente próximo, mãe, irmã, foram referidos por algumas mulheres como o primeiro apoio afetivo e material. Uma delas, cujo marido não tinha carteira assinada no momento do acidente, foi acolhida na estreita casa da irmã com seus dois filhos adolescentes.

Não há, nos relatos e nas entrevistas, uma menção sequer sobre recursos advindos do Poder Público. A mobilização da rede de familiares, amigos e vizinhos foi que, enfrentando as reiteradas dificuldades, conseguiram tratamento digno e eficaz para o acidentado, cestas básicas para as famílias, palavras de conforto. Nesse sentido, compreende-se o porquê da

valoração da relação entre vizinhos, da parentela mais extensa e amigos – na falta de cidadania e dos recursos materiais, na hora da “precisão” é com essa comunidade e sua rede de apoios que se conta.

2.3 O Sindicato

O sindicato dos trabalhadores, que as famílias e mulheres muitas vezes nem conheciam, torna-se aliado, após o acidente, na reivindicação dos direitos das viúvas e acidentados. Dois discursos dão a medida: *“É gente, eu tenho que falar uma coisa pra vocês. Se não fosse esse Sindimármore também, eu tinha passado fome [...]. É, menina, eu tive muito apoio do Sindimármore. Eu sou uma das vítimas que não posso reclamar de nada. Eu fui muito bem atendida, tanto por aqueles sócios, que eu não sei como é que fala, quanto pelo advogado. Eu fui muito bem recebida, eles me ajudaram muito, não posso reclamar, não, graças a Deus, eu tive muito apoio”*.

Em outro depoimento de uma esposa de acidentado grave: *“Se não fosse o pessoal do Sindimármore... Eles estenderam a mão de uma maneira que eu nem conhecia, eu nem imaginava que existia esse negócio de sindicato, essas coisas, e eles entraram assim de uma maneira, como se a gente já se conhecesse há anos e ajudaram a gente”*.

Ao mesmo tempo, há famílias de acidentados que não buscam o sindicato, conforme depoimento de sindicalista: *“Geralmente acontece o seguinte, quando acontece um acidente desse, a primeira coisa que a empresa faz é correr atrás da família, aproveita enquanto está aquela coisa, apavoramento: ‘Vocês podem ficar tranquilos, deixa por nossa conta que a gente vai ajeitar tudo, vai correr atrás de funeral, vocês não vão ficar desamparados’ [...]”*, as empresas aproveitam um momento de choque e fragilidade das famílias e propõem amparo nas questões que parecem às famílias mais desesperadoras no momento: onde morar, se a casa for da firma; como sobreviver sem o salário do provedor, e sentem-se confortadas com as propostas patronais. Sentindo-se amparadas nessa fase mais impactante do acidente, as famílias tendem a aceitar os acordos propostos – provavelmente sequer ficam sabendo que poderiam exigir indenização na Justiça.

De acordo com os depoimentos das mulheres viúvas entrevistadas, esse comportamento empresarial “acolhedor” – o patrão “amparar” a família, não a deixar em desalento, seria o “desejável”: *“não é deixar a viúva se desesperar...”*.

Ao mesmo tempo, se essas foram falas recorrentes entre as entrevistadas, houve também a advertência de que *“também tem patrão honesto, não vamos colocar todo mundo no bolo...”* (viúva).

3 Reação de empresários face ao acidente

Todas as entrevistadas tiveram queixas em relação ao comportamento do patrão após o acidente. As famílias, apesar de não conhecerem as circunstâncias precisas em que o acidente ocorreu, acabam aceitando-o como uma fatalidade, como algo inerente ao processo de trabalho de extração de pedras. Assumidos os riscos da inserção nessa atividade perigosa, o acidente passa a ser visto como uma consequência natural.

As pedras trazem a sobrevivência e levam à morte, mas *“[...] se a gente for lá e parar uma firma, quantas crianças não vão morrer de fome?”*. Cabe esperar também como algo “natural” um comportamento responsável dos patrões, quando ocorre o desamparo da família por morte em acidente no trabalho.

No relato dos entrevistados, a reação dos empresários deslizou entre a omissão e a irresponsabilidade. De acordo com a esposa de acidentado grave, morador de Itaoca, que ficou dois meses e meio internado no hospital de Cachoeiro do Itapemirim: *“[...] assistência que ele deu foi só o dinheiro [do marido] que tava lá pra receber, que aí eu recebi o salário e os quinze dias e dois exames que ele pagou para o [marido]...”*. Na hora do acidente, esse mesmo empresário não perdeu tempo: *“No dia que ele caiu, eles foram e espalharam aquele monte de cinto de segurança, corda, luva, botas, aquele monte de negócio no chão, mas sendo que ele não tinha dado aquilo pra ele”*. É uma combinação de omissão em face ao acidente e uma atitude irresponsável diante da família, da sociedade e dos poderes constituídos, ao espalhar equipamentos de proteção individual perto do corpo do trabalhador, para tentar se eximir de possíveis responsabilizações.

Outros se aproveitam do momento de fragilidade da viúva e da família para assinarem acordos. Uma viúva entrevistada também relatou: *“Eu recebi uma indenização muito baixa porque, na época, eles pegam a gente assim, naquela época que a gente tá frágil, aí me pediram pra fazer acordo, aí eu aceitei o acordo. Ele veio aqui, eu não sei o que que eles arrumaram lá, que já trouxe as fichas do seguro tudo pronta. Na época, deu acho que sete mil reais”*. Passado algum tempo, a viúva, entendendo ter feito mau negócio, entra na Justiça para tentar receber uma melhor indenização. A resposta patronal não tardou: *“Veio aqui, falou desaforo comigo, me jogou uma porção de coisa na cara [...]”. Aí ele ficou com raiva e*

mandou os dois meninos embora - os filhos trabalhavam na mesma pedreira que o pai trabalhava. E demoraram muito pra conseguir serviço... Ficaram oito meses desempregados". Esse é um grande temor dos trabalhadores ao fazerem reivindicações: a de que fiquem "marcados" numa localidade onde todos se conhecem e o mercado de trabalho gira em torno das pedras. Dois anos depois do acidente do marido, a mulher perde o genro que descia a pedreira numa caçamba de caminhão, que tomba e as pedras rolam por cima do rapaz, que morre na hora. A filha recebe pensão, mas, quanto à indenização, "[...] o dono do caminhão fizeram até ameaça, vieram aqui em casa me ameaçar, ameaçaram minhas filhas, se nós corresse atrás de alguma coisa ia dar problema".

Além da omissão, foram relatados casos de humilhação em relação à viúva ou a algum parente que aparece para pedir alguma coisa: "*Se esse homem fosse realmente um ser humano, se não fosse um picareta igual ele é, porque ele é mesmo, eu mais os meus filhos, a gente não estaria passando essa situação toda. Se ele não fosse um bicho, um monstro, ele mesmo reconheceria, não precisava de eu ter ido procurar ele e ser humilhada, não*" (VIÚVA).

A ilegitimidade e, conseqüentemente, o maior sofrimento vem expresso, nos discursos das viúvas, na falta de amparo por parte dos patrões; acolhimento entendido como conseqüência natural da responsabilidade patronal em face à lealdade do empregado, que até perdeu a vida no trabalho.

Diversas falas refletem essa confusão estabelecida entre relações de trabalho e relações pessoais. Evidenciam uma *expectativa de reciprocidade*, de necessidade de reconhecimento por tudo que o acidentado fez pela empresa e a família merece ter o correspondente retorno. Não se reivindica apenas o prescrito pela legislação, mas espera-se também o apoio de uma visita, a oferta de ajuda no supermercado, o pagamento das contas mais imediatas, ou seja, de um ajuda quase paternal: "*Minha revolta é só essa, porque ele tirava pedra ele tinha patrão, só que na hora não apareceu. Se essa pessoa, esse responsável tivesse me procurado, conversado comigo, dado apoio, o meu sofrimento era bem menos*".

Conclusão: O acidente, ao revelar as contradições da relação capital e trabalho, fornece, ao mesmo tempo, às viúvas e familiares o caminho da busca por direitos constituídos. A irresponsabilidade do modo de gestão do trabalho produziu um quadro desolador para as vítimas de acidentes. Estas contam com a parentela, com os vizinhos e amigos, com o sindicato e, sobretudo, com a fé em Deus, para superar essa marca trágica; são apoios fundamentais por contraposição ao descaso patronal e à ausência do Poder Público.

Para continuarem mantendo certo ordenamento entre o ideal cultural (de valorização do trabalho, do provimento e desenvolvimento da família, do sentimento de pertencimento a uma localidade, de bom cristão), e a realidade – desemprego, trabalhos precários, riscos, acidentes, dificuldades em manter a família, muitos moradores procedem a um ordenamento da vida cotidiana, em que juntos caminham o trabalho e a morte, a família disciplinada e a tragédia, a localidade de pedra e o orgulho pela localidade justamente por causa das pedras. Retiram a força e a esperança do sobrenatural, do “outro mundo” e vão superando os obstáculos um a um. Os paradoxos não se excluem.

Referências bibliográficas:

ALMEIDA, Miguel Vale de. **Senhores de si**: uma interpretação antropológica da masculinidade. Lisboa: Fim de Século Edições, 1995.

DUARTE, Luiz Fernando Dias. **Da vida nervosa nas classes trabalhadoras**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor/CNPQ, 1986.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1989.

HOGGART, Richard. **As utilizações da cultura**: aspectos da vida da classe trabalhadora, com especiais referências a publicações e divertimentos. Lisboa: Editorial Presença, 1973.

MOULIN, Maria das Graças Barbosa. O lado não polido do mármore: a produção social dos acidentes de trabalho e suas conseqüências no setor de rochas ornamentais no sul do Estado do Espírito Santo. 2006. **Tese** (Doutorado em Saúde Pública). Escola Nacional de Saúde Pública/Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2006.